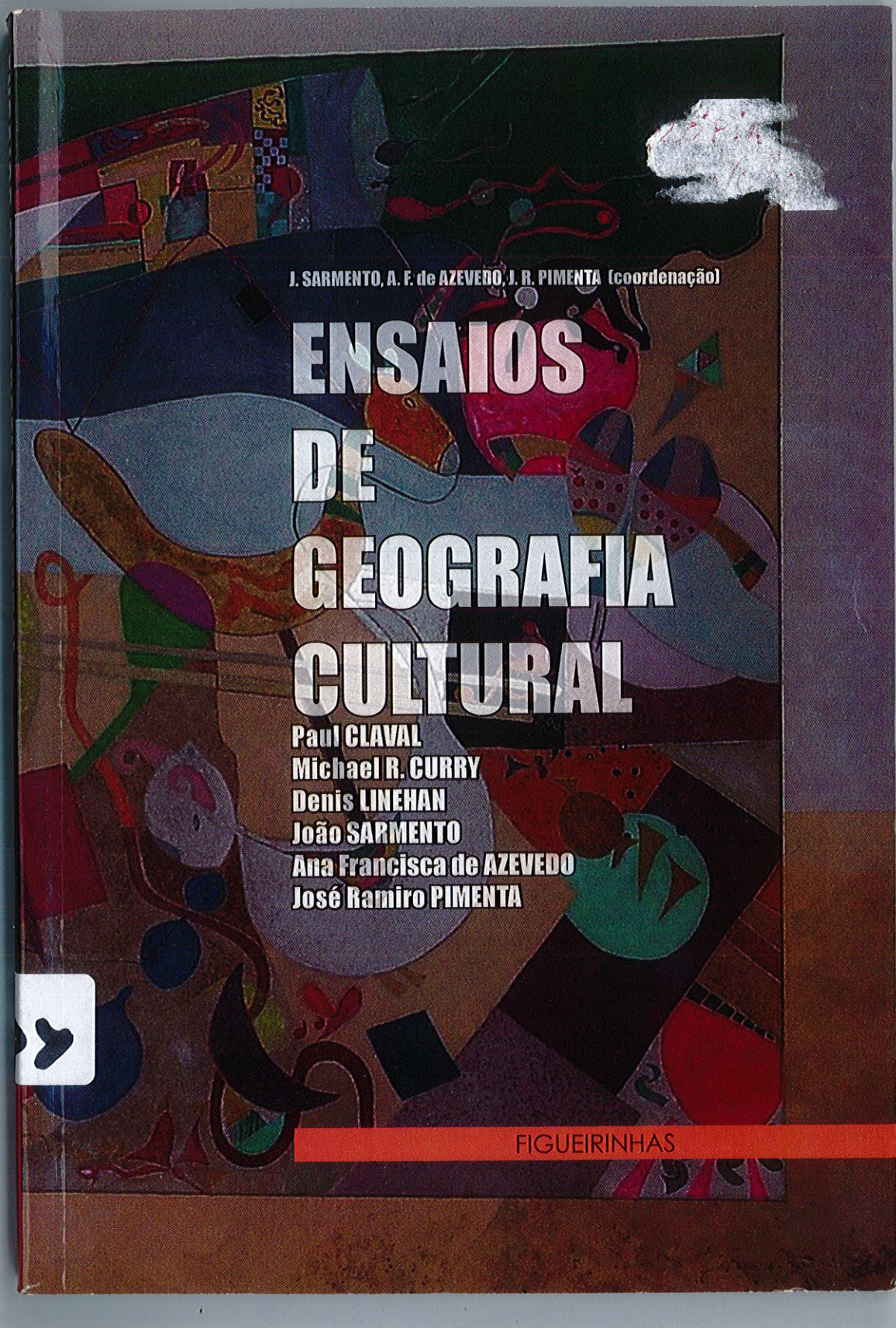




J. SARMENTO, A. F. de AZEVEDO, J. R. PIMENTA (coordenação)

ENSAIOS DE GEOGRAFIA CULTURAL

Paul CLAVAL

Michael R. CURRY

Denis LINEHAN

João SARMENTO

Ana Francisca de AZEVEDO

José Ramiro PIMENTA



FIGUEIRINHAS

Autores

Paul CLAVAL
Universidade de Paris IV - Sorbonne

Michael R. CURRY
Departamento de Geografia da Universidade da Califórnia, Los Angeles

Denis LINEHAN
Departamento de Geografia da Universidade de Cork, Irlanda

Ana Francisca de AZEVEDO
Departamento de Geografia da Universidade do Minho

José Ramiro PIMENTA
Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

João SARMENTO
Departamento de Geografia da Universidade do Minho

Título: *Ensaaios de Geografia Cultural*
Capa: *Pulverizações* (Cisca, 1997).
Arranjo gráfico: Pfeffer & Séan
Editor: Livraria Editora Figueirinhas (2006)

Impressão: Humbertipo/Porto

ISBN: 972-661-204-7

Depósito Legal: 244858/06

Índice

Introdução <i>J. Sarmento, A. F. de Azevedo e J. R. Pimenta</i>	vii
A Geografia Cultural circa 2000 d.C. <i>A. F. de Azevedo e J. R. Pimenta</i>	1
Comunicação, Diferenciação de Culturas e Organização do Espaço (Noções-Chave) <i>P. Claval</i>	21
Lugares Públicos e Práticas Privadas <i>M. R. Curry</i>	37
Geografia e Cinema <i>A. F. de Azevedo</i>	59
A História da Ciência como Geografia Cultural <i>J. R. Pimenta</i>	81
A Transformação da Paisagem Irlandesa: o Fim da Geografia? <i>D. Linahan e J. Sarmento</i>	115

Introdução

João Sarmento
Ana Francisca de Azevedo
José Ramiro Pimenta

Considerada recentemente, por Denis Cosgrove, como 'um dos mais vibrantes e disputados subdomínios da Geografia Humana', a Geografia Cultural promoveu nas últimas décadas uma renovação das abordagens teóricas e metodológicas no seio da disciplina. Inúmeras são as razões que subjazem à força renovada que se tem vindo a sentir neste campo de estudos, tanto internamente como na relação com outras áreas científicas, pelo que delas apresentaremos uma breve síntese.

Em primeiro lugar, destaca-se o esforço de diversos autores que, sensivelmente desde a década de 1980, se encontram implicados na revisão crítica de uma tradição de pensamento geográfico que encontra as suas raízes nas geografas francesa e americana, escolas herdeiras de uma Antropogeografia germânica dos finais do século XIX. O trabalho destes autores implica a reavaliação do projecto científico da Geografia moderna e das suas expressões no âmbito das abordagens culturais.

O forte legado das abordagens ecológica e etnográfica que percorre aquela tradição de pensamento geográfico viu-se revigorado, sobretudo a partir da década de 1990, contribuindo para a revisão, no seio de uma *new cultural geography*, dos conceitos de 'natureza' e 'cultura', e

fragmentando o dualismo epistemológico sobre o qual parte substancial da tradição geográfica foi convencionalmente construída (Livingstone). Denunciando a apropriação e a mediação cultural do mundo natural por parte dos projectos científicos da modernidade, a ênfase da nova Geografia Cultural passou a colocar-se na tentativa de detonação daquele dualismo, sustentando-se que a acção humana não pode dividir-se de acordo com tal imperativo: todos os ambientes e paisagens são co-produções de natureza-cultura (Latour). Mas esta é apenas uma das dimensões sobre a qual se fundam os desenvolvimentos recentes da Geografia Cultural.

O impasse das correntes transdisciplinares de pensamento e de novas teorias, que forçaram a recolocação dos debates nas Ciências Sociais e nas Humanidades, funcionaram de igual modo como ponto de partida para a emergência das novas abordagens em Geografia Cultural. A articulação de questões levantadas pelas filosofias pós-modernas e pós-estruturalistas, assim como os desafios lançados pelas teorias sociais críticas, promoveram uma profunda reflexão em torno dos postulados centrais que tradicionalmente estruturavam este campo de estudos.

Fracturando muitas das suas categorias conceptuais convencionais, a integração daquelas questões levou à problematização das grandes narrativas que se organizam em torno das ideias de natureza e cultura no mundo ocidental, e paralelamente favoreceu a reorientação dos debates para o domínio do espaço e da espacialidade, mais do que para o ambiente e a materialidade das paisagens e da cultura.

Concomitantemente, a afirmação de um campo de Estudos Culturais proporcionou a revisão da ideia de cultura como processo signficante. A sua recolocação no seio da Geografia Humana potenciou a perspectiva de um conceito geográfico de cultura alicerçado nas relações sociais de produção e reprodução (Jackson). Redimensionados enquanto instrumentos analíticos e conceptuais de primeira ordem, 'espaço', 'lugar' e 'paisagem' tornaram-se alvo de aproximação crítica em Geografia à luz de um *cultural turn* que nas duas últimas décadas tem vindo a nutrir os debates ontológicos e epistemológicos.

A organização de um livro que reúne alguns temas e problemáticas da Geografia Cultural contemporânea prende-se essencialmente com uma acusada falta de publicações neste domínio ao nível nacional. Tal situação

parece revelar um determinado alheamento na Geografia portuguesa, no que respeita à integração de movimentos recentes que atravessam este campo de estudos, movimentos que se vão desenvolvendo no campo das ideias e das práticas ao nível internacional. Surge, este livro, como uma tentativa de aproximação aos debates da Geografia Cultural contemporânea, e pretende contribuir para o seu desenvolvimento na Geografia portuguesa:

i) ao nível teórico, propondo uma aproximação a um conjunto mais vasto de debates de pendor crítico e transdisciplinar, de modo a superar as correntes orientações – resultado de uma pervivência muito longa e pouco resolvida de uma escola geográfica de tendência regional assente sobre uma noção monolítica de cultura – que reflectem apenas de forma residual o movimento de transformação que trespassou as Ciências Sociais e as Humanidades nas últimas décadas;

ii) metodologicamente, afirmando uma abordagem mais completa que passa pela utilização e mútua iluminação de métodos e técnicas diversificadas, como, por exemplo, a análise de discurso, a desconstrução de textos e representações, a análise social de práticas espaciais. Pretende-se assim evitar a prevalência das abordagens quantitativas, decorrente da sedução que irradia da fixação pela técnica e pelo número dos resultados da análise geográfica. Esta sedução pela ideia do exacto quantificável (porém, como defende Orlando Ribeiro, 'a exactidão é uma qualidade independente do cálculo') perpassa parte significativa da produção contemporânea, e prende-se por seu turno com o poderosíssimo legado da ciência espacial na tradição geográfica portuguesa desde a década de 1970;

iii) ao nível académico, defendendo a Geografia Cultural contemporânea como unidade curricular autónoma na estruturação do ensino universitário e em programas de investigação, tentando prevenir o distanciamento crítico face à teoria geográfica e o afluilamento das abordagens práticas em alguns domínios de conhecimento mais 'aplicado', que os desenvolvimentos recentes da Geografia portuguesa privilegiavam.

Os artigos que compõem este livro constituem formas de abordar as dimensões da estruturação espacial das práticas culturais. Embora versem temas diversos, qualquer um deles representa uma tentativa de compreensão de como as diferentes modalidades do espaço interagem, criando, em resultado de práticas de lugar diferenciadas, diversas paisagens e representações. O carácter 'triadético' dessa estruturação (espaço como produção; lugar como vivência, prática e resistência; paisagem como representação) está presente, de uma forma ou de outra, em todos estes artigos.

'Geografia Cultural *circa* 2000 a.C.' é uma visão panorâmica sobre a 'paisagem conceptual' da Geografia Cultural contemporânea. Nela foram identificados vários 'temas verticais' que hoje se conjugam para dar corpo a um programa multiforme de investigação. Dá-se especial ênfase ao processo histórico de afirmação de diversas correntes de pensamento e prática em Geografia Humana (humanistas, pós-colonialistas, marxistas, feministas...), assim como a caracterização duplamente articulada que eles possuem como projectos políticos e intelectuais.

'Comunicação, Diferenciação de Culturas e Organização do Espaço (Noções-Chave)', debruça-se sobre a organização do espaço na sua relação com as teorias da comunicação e diferenciação cultural. Uma atenção particular é dada aos mecanismos de produção de informação e à expressão espacial da sua difusão, tendo em conta o modo como os conteúdos comunicacionais interferem na estruturação do espaço concebido. O 'espaço como produção' de informação, analisado neste artigo, diz respeito à definição e construção de espaços pelos grupos sociais dominantes, um espaço que contém sinais de identificação cultural estereotipada, e que impõe codificações e tentativas de representação hegemónica.

'Práticas Privadas e Lugares Públicos' defende uma recuperação do modo 'corográfico' de apropriação do espaço, em que, mais do que a localização segundo uma rede de coordenadas, a definição de um lugar deve ser integrada numa mnemónica narrativa. Analisa, neste contexto, o papel dos sistemas de controlo e vigilância na produção dos espaços vivenciados colectivamente nas práticas quotidianas, numa sociedade

em que a actividade humana é cada vez mais dominada por tecnologias espacialmente referenciadas. É questionada a tensão entre a lei da lei e a ética da prática, e especificamente, da inadequação da delimitação que nela é feita entre lugares 'privados' e 'públicos'.

'Geografia e Cinema' discute algumas das orientações correntes da investigação geográfica em cinema. Perceptivado como produto cultural, o filme veicula significados geográficos que modelam a construção dos mundos de experiência de indivíduos e grupos. Enquanto manifestação simbólica de uma específica interpretação das relações entre o ser humano e o ambiente, a paisagem cinematográfica estrutura, em cada filme, uma cartografia ficcional alicerçada sobre a articulação de representações de natureza, espaço e lugar. Reflectindo algumas das problemáticas centrais que percorrem este campo de estudos, o artigo analisa o modo como, dentro do evento fílmico, se processa à passagem das representações de espaço ao lugar legítimo da acção.

'A História da Ciência como Geografia Cultural' explora as relações entre a ciência, vista como prática social de construção do conhecimento, e a expressão espacial da sua produção e reprodução. Pretende demonstrar, especificamente, o modo como a narrativa antropológica da Pré-História de Portugal é uma expressão concreta da metáfora biológica dominante na década de 1920 em Portugal, e como é activa e propositalmente utilizada num contexto mais vasto de prescrição social, da qual o próprio eugenismo não se encontra ausente. É dado especial relevo à retórica de apresentação, e representação, do 'solar lusitano' como uma paisagem de 'seras recônditas' associada a uma 'alquimia da raça pura dos Portugueses'.

'A Transformação da Paisagem Irlandesa: O Fim da Geografia?' posiciona e enquadra a construção da paisagem e identidade irlandesas em contextos abrangentes, dinâmicos e instáveis, como seja a ideia de uma Irlanda global inserida em processos económicos transnacionais e em redes virtuais. Interroga o uso da tradição e da *irishness* na edificação da paisagem nacional. Propõe a existência de uma Geografia desestabilizada, uma Geografia que se arqueia e contorce, que se inverte e que se inventa de forma instantânea e dinâmica, servindo os discursos institucionais. Analisa as geografias materiais dominadas por quem detém o poder, parentes na estética da arquitectura de exposição ou

corporativa e na arte pública, numa tentativa de ancorar a paisagem a valores 'autênticos' e hegemónicos. Questiona diversas representações da Irlanda contemporânea, estejam elas inscritas em telas, em discursos políticos ou na arquitectura.

Geografia Cultural circa 2000 d.C.

Ana Francisca de Azevedo
José Ramiro Pimenta

Corte cronológico

A intenção deste trabalho é descrever e interpretar o processo historiográfico de afirmação do *cultural turn* na Geografia internacional. Para isso procedeu-se a um exercício simples de recolha de autores e obras que estão presentes na quarta edição (2000) do *Dictionary of Human Geography*, e que estivessem intimamente relacionados com os temas de Geografia Cultural. De modo a poder concluir alguma ordem desse extenso elencamento, os autores e obras foram lançados numa 'cartografia conceptual'.

O resultado daquele exercício é o que podemos ver no mapa (Fig. 1). Trata-se de uma espécie de 'corte cronológico' na paisagem conceptual da Geografia Cultural, em que os nomes se apresentam divididos em espaços conceptuais (as palavras-conceito que estruturam o mapa) e por data: anos 60, verde; 70, azul; 80, vermelho; 90, cor-de-laranja.

Estamos cientes de que esta técnica de representação de paisagem sofre dos mesmos defeitos de que sofre o seu original, nomeadamente, de que consiste no 'congelamento' de um processo histórico dinâmico, dotado de tempos diferentes e irreduzíveis entre si. A sua análise requere